

BENDITO VERDE VAGO MUNDO

Benedicto Monteiro, falecido em 15 de junho de 2008, deixou um vasto legado para a literatura feito neste verde, vago e muito explorado mundo de terras que se chama Amazônia.

Ouso dizer que, mais do que sua intensa participação na política em defesa da região amazônica, Monteiro contribuiu muito mais com seus contos, poemas, romances, onde o espaço ficcional, em um diálogo aberto com a realidade apreendida em sua vasta experiência de vida, e seu discurso intensificado pelas muitas vozes de suas personagens emblemáticas como Miguel dos Santos Prazeres.

A escrita de Benedicto Monteiro, que a princípio foi marcada por uma forte influência de Dalcídio Jurandir – escritor que ele contava ter descoberto na época de estudante do Colégio Nazaré, em Belém -, depois veio a ganhar sua cor e dicção própria, conforme fala também o romancista Nicodemos Sena: “Verde Vagomundo, do paraense Benedicto Monteiro, foi o primeiro romance que me revelou a Amazônia por inteiro, sem a máscara imposta pelos colonizadores. Miguel dos Santos Prazeres, o Cabra-da-Peste, é, na ficção o desenho mais perfeito do caboclo amazônico”.

Na Amazônia de tanta superlatividade, Benedicto Monteiro começou por inserir em “Verde Vagomundo” (...) a região dentro de sua ficção e, nas palavras de Benedito Nunes, escreveu “o primeiro romance contextual da realidade amazônica”. Continuará sua aventura mitológica no território que tão bem conhecia por vivência em “O Minossauro” (...) sobre o qual assim falou o escritor e jornalista Lúcio Flávio Pinto: “Benedicto Monteiro está escrevendo para reinscrever a Amazônia no universo literário, do qual ela tem sido apenas um apêndice, quando, na verdade, é uma das suas expressões mais decisivas. “O Minossauro” é uma continuação ampliada de “Verde Vagomundo” (...) compondo provavelmente a mais densa e importante obra de ficção sobre a Amazônia”.

Em sua obra “Transtempo” (...), que denominou de “autobiografia romanceada”, e a qual Artur da Távora chama na apresentação de “um livro em carne viva”, o escritor deixou impressas estas palavras: “Vivi muitos fatos, fiz e deixei de fazer muitas coisas, mas só as pessoas deixaram marcas profundas em minha vida” (página 157). A frase resume, a meu ver, a visceral vocação humanista/humanística de Benedicto Monteiro, acima dos rótulos de político, escritor, acadêmico, poeta, vocação essa que é corroborada pela primeira epígrafe, assinada por Jorge Luiz Borges, o genial escritor argentino, da mesma obra: “Não apenas o escritor, mas todo homem deve se lembrar de que os fatos da vida são um instrumento. Todas as coisas que lhe são dadas têm um sentido, ainda mais no caso do artista: tudo que lhe acontece – inclusive humilhações, mágoas e infortúnios – funciona como argila, como material que deve ser aproveitado para sua arte”.

Benedicto Monteiro (1924-2008) soube como poucos amazônidas ser oleiro e barro nesta incomensurável floresta de enganos, erros e acertos que é a vida.

Por Alfredo Garcia, é paraense de Bragança (1961) – Escritor, jornalista, radialista e professor universitário.